

# Escola e cyberinfância:

**encontros e desencontros. Novas formas de aprender e ensinar mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação**

Mirela Pedrini Viero<sup>1</sup>

## Resumo

Este texto configura-se como um relato de reflexão e análise acerca da discussão sobre as novas formas de aprender e ensinar mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. A geração digital invade a escola e reclama novas posturas. Nesse sentido, é interessante discutir-se os encontros e desencontros entre professores e alunos no que tange ao processo ensino/aprendizagem e a maneira como a escola lida com este descompasso. O que estamos vivenciando em termos de recursos disponíveis em tecnologia da informação e comunicação – sites sobre computador, internet, web, objetos de aprendizagem, enfim todo este aparato tecnológico com o qual as crianças têm contato e manipulam muito bem – reflete na forma como elas aprendem. O uso do computador para se comunicarem, através de e-mail, msn, skype, mudou a forma tradicional de se relacionar e de aprender. O objetivo principal deste texto é discutir e refletir sobre as novas formas de olhar a educação, revendo práticas pedagógicas e propondo novas posturas no ensinar e aprender na escola da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Escola. Tecnologias da informação e comunicação. Aprendizagem

## 1 Introdução

O mundo está mudando rapidamente. A globalização é real e toma conta de vários setores, instituições de âmbito cultural utilizam-se de novas tecnologias. Essas mudanças estão, também, acontecendo na sala de aula, nas escolas. Isso porque as dimensões culturais, escolares e pedagógicas estão entrelaçadas.

Martín-Barbero (2004, p.64) aponta para o desafio que temos à nossa frente:

1. Graduação em Pedagogia Séries Iniciais pela PUCRS. Pós-Graduação em Educação Inclusiva e Gestão na Escola – Orientação e Supervisão. Orientadora Educacional do Colégio Marista Medianeira-Erechim

[...] mudanças no próprio saber, o reconhecimento de que por aí passam questões que atravessam por inteiro o desordenamento na vida urbana, o desajuste entre comportamento e crenças, a confusão entre realidade e simulacro. As ciências sociais não podem ignorar então que os novos modos de simbolização e ritualização do laço social se acham a cada dia mais entrelaçados às redes comunicacionais e aos fluxos informacionais. O despedaçar-se das fronteiras espaciais e temporais que eles introduzem no campo cultural deslocaliza os saberes e deslegitimam suas fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, ciência e arte. Isso modifica tanto o estatuto epistemológico como o institucional das condições do saber e das figuras de razão, que constituem os traços da mudança de época, em sua conexão com as novas formas de sentir e as novas figuras da sociabilidade.

A partir da posição do autor, entendo que a escola, além do seu papel tradicional de organização dos corpos e das mentes infantis e juvenis, precisa preparar o sujeito para viver na sociedade atual. Tendo em vista todas as mudanças que estão ocorrendo no mundo, a educação não pode negligenciar os novos conhecimentos, as novas formas de aprender e as novas tecnologias. Para Xavier (2008, p. 18), o estudante “precisa também [ter] contato com as novas tecnologias, com as novas linguagens. Familiaridade com o computador, com o correio eletrônico, com a internet são inadiáveis. Hoje é preciso digitar e navegar tanto quanto ler, escrever e contar”.

É nesse contexto de globalização, de novas formas de aprender, de pluralidade de culturas que situo esta reflexão como importante tanto para a educação quanto para a sociedade. Os profissionais da educação (coordenadores, supervisores, diretores, funcionários e professores) precisam conhecer as crianças e o contexto em que elas vivem.

Encontramos nas escolas várias crianças que utilizam computador, celular, notebook, iPhone, internet, iPods, entre outras tecnologias. Cientes de que não devemos fechar os olhos para esses conhecimentos dos estudantes, a reflexão sobre este temática faz-se necessária. Entende-se que, para introduzir o uso das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nas práticas pedagógicas dos professores, é necessário que eles compreendam melhor como as TIC começaram a fazer parte da nossa cultura e como os alunos se relacionam com elas.

## 2 Estudo/ Reflexão

É indispensável que nós, educadores, possamos ler e reler textos que tratam da escola e suas práticas; textos que falam sobre tecnologias e práticas pedagógicas; textos que reflitam sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação na escola. Esta é a função de um texto: provocar reação

intelectual. Lembro que o intento básico, aqui, não é produzir material acadêmico sem uma pesquisa científica das questões que proponho, mas refletir sobre algo tão significativo em nossas vidas como profissionais da educação. Ao propor tal reflexão, utilizo uma passagem de Veiga-Neto, que esclarece:

Assim, estudar a emergência de um objeto – conceito prática, ideia ou valor – é proceder à análise histórica das condições políticas de possibilidades dos discursos que instituíram e “alojam” tal objeto<sup>2</sup>. Não se trata de onde ele veio, mas como/ de que maneira e em que ponto ele surge (2003, p. 72).

Estudar sobre as questões relativas às tecnologias da informação e comunicação nos leva a várias reflexões. Não irei me ater às questões de surgimento dessas tecnologias, mas me interessa levar o leitor a refletir sobre a geração digital que invade a escola e reclama novas posturas e analisar os encontros e desencontros entre professores e alunos no que tange ao processo de ensino/aprendizagem e de que maneira a escola – corpo docente e equipe diretiva – lidam com estes descompassos. Quando falo sobre geração digital, refiro-me à infância que estamos recebendo hoje nas escolas. A Ciberinfância, termo cunhado por Dornelles, o qual caracteriza o período da infância como: “infância on-line, da infância daqueles que estão conectados à esfera digital dos computadores, da Internet, dos games, do mouse, do self-service, do controle remoto, dos joysticks, do zapping. Esta é a infância da multimídia e das novas tecnologias” (2005, p. 80)

Apesar de estarmos no século XXI, as práticas ainda são dos séculos XVIII e XIX e a compartimentação do saber ainda é imperativa nas escolas. Gallo coloca de uma forma bem didática a questão da compartimentação dos saberes na metáfora arbórea:

A metáfora tradicional da estrutura do conhecimento é a arbórea: ele é tomado como uma grande árvore, cujas extensas raízes devem estar fincadas em solo firme (as premissas verdadeiras), como um tronco sólido que se ramifica em galhos e mais galhos, estendendo-se assim pelos mais diversos aspectos da realidade. Embora seja uma metáfora botânica, o paradigma arborescente representa uma concepção mecânica do conhecimento e da realidade, reproduzindo a fragmentação cartesiana do saber, resultado das concepções científicas modernas (2008, p. 73).

Estamos acostumados a aprender neste paradigma e também a ensinar sob esta ótica cartesiana, dividindo os conhecimentos em conteúdos, tudo bem organizadinho, uma coisa de cada vez para os alunos não se confundirem. O que quero dizer com isso é que nem sempre conseguimos fugir do paradigma da árvore na elaboração da grade curricular e no planejamento das aulas. É difícil pensar em outra forma de currículo. Porém, as leituras que venho realizando fizeram-me compreender algumas questões pertinen-

tes acerca da escola, currículo, cultura, novas tecnologias, antigas (atuais) práticas pedagógicas e novas formas de se olhar a educação. Se hoje temos nas salas de aulas professores que ainda pensam que as crianças são meras receptoras, como no passado, eles devem repensar suas práticas.

Observo que a escola de hoje está distanciada das experiências e expectativas que as crianças demonstram. O que estamos vivenciando em termos de espaços tecnológicos de informação e comunicação, todos os recursos disponíveis em tecnologia da informação e comunicação – sites sobre computador, internet, web, objetos de aprendizagem, ferramentas digitais para deficientes, etc. – deveriam ser mais valorizados pelas escolas e professores. Isso porque todo esse aparato tecnológico com o qual as crianças têm contato e manipulam muito bem, reflete na forma como elas aprendem. O uso do computador para se comunicarem, através de e-mail, msn, skype, mudou a forma tradicional de se relacionar com os outros. A companhia constante da televisão, com propagandas e desenhos mostrando formas de ser menino e menina no mundo, reflete uma infância diferente daquela retratada pela escola. Isso nos mostra o quanto a(s) cultura(s) está/estão impregnada(s), colada(s) na sala de aula, na escola, no recreio, no modo de as crianças se vestirem e se portarem, nos materiais escolares dos personagens do momento, no seu modo de pensar e agir sobre o mundo.

Para tanto, penso que a escola de hoje poderia repensar seus “ditos e escritos” de anos, rever currículos, práticas pedagógicas e pensamentos arraigados em modelos propostos para o século passado, e adotar outro modo de pensar a educação, que leve em consideração essa nova infância que estamos recebendo em nossas salas de aula.

Quando se fala em rever práticas pedagógicas com a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula, penso que o discurso sobre isso é muito bonito, porém colocá-lo em prática é difícil, contudo imprescindível. Surgem, então as questões: de que forma essas novas tecnologias estão subjetivando alunos e professores a aulas mais “modernas”? Será que a forma de ensinar/ aprender mudou? Ou somente a ferramenta foi substituída por uma mais rápida e eficiente? Tais questões pressupõem que o espaço escolar, mesmo que o virtual, está, sim, comprometido com a constituição de identidades. Para tanto, valho-me de Costa:

Inúmeros críticos contemporâneos têm chamado a atenção para a centralidade dos artefatos da cultura na constituição de versões do mundo. Entre eles, Jameson (1996) se refere aos produtos culturais como mercadorias que colonizam tudo, da natureza ao inconsciente; Baudrillard (1983) nos fala de uma variedade atordoante de superfícies, signos culturais com vida própria, compondo uma hiper-realidade que nos inebria em um jogo de fascinação e publicidade no qual qualquer resistência é fútil e despreocupada; e Hall (1997) argumenta que os Estudos Culturais o ajudaram a compreender que a mídia tem uma função na constituição das coisas que ela reflete. (2000, p. 73)

Parece-me que vivemos em dois mundos: um quando a criança sai de casa (ou em sua própria casa), onde tem todas as informações e possibilidades de acesso a espaços tecnológicos de informação e autonomia sobre estas formas de conhecimento; acesso a programas de todo o tipo na televisão, propagandas direcionadas a ela, filmes que ensinam modos de ser criança, possibilidades de consumo em shopping centers, jogos eletrônicos, etc., sendo governada pelas suas vontades e aprendizagens para e através do prazer. E, outro mundo quando a criança entra na sala de aula, senta à sua classe e espera a professora falar o que vai ser feito ou aprendido naquele dia. Ela é uma mera expectadora do que vai aprender via outra pessoa, no caso o professor.

Penso que, a todo o instante, estamos sendo interpelados e subjetivados por diversas formas de informação, na mídia, na escola, na rua, no trabalho, na família ou em outro grupo social que frequentamos. Desde pequenos, em nossa família, somos interpretados pelo que fazemos e dizemos. Somos avaliados pelas atitudes tomadas e não tomadas. Ao longo da nossa vida, passamos por diversas instituições (família, escola, igreja...) que regulam o nosso comportamento, que nos dizem como devemos ser e agir. Nós e nossas crianças somos bombardeados todos os dias com propagandas que nos “ensinam” e/ou nos instigam a ser consumistas, a ser um super-herói ou, ainda, a ser desta ou daquela tribo. E, a partir disso tudo, aos poucos, somos constituídos por inúmeros discursos: sobre como ser uma boa filha, como ser um bom profissional, como ser um cidadão, como ser uma esposa/marido, como ser um estudante, como ser professor e a escolher dentre várias posições de sujeito. Acredito que tudo isso acompanha nosso aluno quando ele senta à sua classe, quando ele pensa no trabalho que vai realizar e quando expõe sua opinião.

Mas até que ponto a escola que temos consegue fazer o aluno se interessar pelas atividades propostas pelos professores? As dúvidas estão cada vez mais latentes: Como os pais dessas crianças pensam e agem em relação a toda esta transformação tecnológica? Até que ponto eles também contribuem para que seus filhos sejam cada vez mais capturados pela rede do consumo a que são interpelados via tecnologia da informação e comunicação? E a escola, está se dando conta destas transformações? Como afetar os pais em relação ao dizer o NÃO para os seus filhos?

Nós, professores, que tivemos uma formação intelectual e profissional nos moldes iluministas, talvez ainda não estejamos preparados para enfrentar as rápidas mudanças culturais, econômicas e sociais. O programa iluminista apresentou a ideia de que a razão ilumina o homem, libertando-o das trevas, das superstições e dos mitos que enganavam na Idade Média. “O iluminismo alimentou a esperança de haver uma perspectiva privilegiada, áurea, perspectivas das perspectivas, a partir da qual se explique o mundo e se chegue à Verdade” (VEIGA-NETO, 2002, p. 28).

O grande projeto da humanidade sobre progresso, o pensamento moderno sobre a razão, a consciência, o sujeito soberano e a totalidade do mundo faliu. Acredito que os professores não devem aceitar

automaticamente e em silêncio as grandes verdades impostas pelo mundo moderno e que, de certa forma, acabam justificando o autoritarismo e a dominação religiosa, de gênero, cultural, moral, etc.

Contudo, é difícil pensar a educação fora do contexto do domínio da razão, tal como definida e elaborada pelo Iluminismo. Os currículos educacionais são baseados na concepção de razão e o cultivo da razão, é um dos principais objetivos educacionais. Assim como destaca Silva:

Em muitos sentidos, educação significa produção da racionalidade. Para tomar um exemplo mais atual, pode-se dizer que o objetivo central das chamadas psicologias desenvolvimentistas é produzir a criança racional (Walkerdine). Por isso, numa era em que o domínio da Razão iluminista é colocado em questão a partir de variadas perspectivas – pós-estruturalismo, pós-modernismo, feminismo, pacifismo, ambientalismo – é difícil deixar de repensá-la também no âmbito da educação (2002, p. 256).

### **3 Considerações Finais**

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que possibilita o entendimento de que a educação se dá através de uma multiplicidade de espaços e produtos culturais, não se limitando à escola, podemos pensar nos desafios que estes novos tempos nos impõem de uma forma menos salvacionista em relação à educação. Em uma época de tantas dúvidas e incertezas, de uma profunda crise de representação, talvez seja apenas humano nos apoiarmos no conforto de uma narrativa mestra que nos devolva as certezas.

O pensamento de Michel Foucault (1995) está sendo retomado, principalmente na educação, mostrando-nos que não estamos vivendo num paraíso utópico, mas que temos a necessidade de colocar tudo sob suspeita; até mesmo os fundamentos racionalistas e humanistas que sustentam nossos discursos e nossas práticas e que nos prometeram as utopias. Penso que as inúmeras metanarrativas que a educação nos coloca como verdadeiras são o resultado de um discurso moderno, que devemos, sim, questionar e problematizar e não aceitar como uma verdade universal. Assim como diz Veiga-Neto:

É dessa atitude hipercrítica que podem nascer nossas pequenas revoltas. A descrença na revolução não é para dizer que nada podemos mudar, mas é, sim, para dizer que se queremos mudanças temos de partir para essas pequenas revoltas diárias (1995, p. 49).

Queiramos ou não, neste momento atual de contradições e complexidade, momento de novos sentidos, rupturas de tradições e de queda de fronteiras, é gestada uma humanidade diferente, em que a

forma de comunicação é nova, que percebe o mundo diferentemente a partir de diversos dispositivos. Sob essa nova condição, na qual estamos todos imersos, podemos refletir sobre como a escola, por meio de suas práticas escolares, que ainda pensam o desenvolvimento humano como ordenado, linear e estável, tem se relacionado com a forma de “passar” o conhecimento, e quais os seus efeitos na produção dos sujeitos que por ela passam.

Continuar a pesquisar e refletir no campo da educação sobre questões que precisam ser discutidas, argumentadas, indagadas é um exercício de escrita que vem ao encontro de descobertas e, com algumas certezas e incertezas, é um caminho a ser trilhado e faz parte de um processo que termina quando outro está para começar.

## Referências

COSTA, Marisa V. **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia. Editora da Universidade, 2000.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos Escapam**: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOREIRA, Antônio F. B; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMAL, Andrea C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Tomaz T. O adeus às metanarrativas educacionais. In: \_\_\_\_\_ (org) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol In: VEIGA-NETO, Alfredo (org) **Crítica Pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

\_\_\_\_\_. **Foucault & Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

\_\_\_\_\_. Olhares... In: COSTA, Marisa V. (org) **Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens**: Educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

XAVIER, Maria Luiza M. Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. In: ÁVILA, Ivany S. (org) **Escola e sala de aula: mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso**. 2.<sup>a</sup> ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.